

Editorial

Com Stylus 17, esta Comissão Editorial – Alba, Andréa Hortélio, Daniela, Maria Helena, Vera e eu – encerra a organização dos últimos quatro números desta revista e agradece a responsabilidade e o voto de confiança nela investidos.

Em julho deste ano, realizou-se em São Paulo o V Encontro Internacional do Campo Lacaniano, tendo por tema “Os tempos do sujeito do inconsciente: a psicanálise no seu tempo e o tempo da psicanálise”. Daí a justificativa da temática desse número da revista. Vários dos seus artigos foram apresentados no encontro, enviados para Stylus e selecionados para esta publicação.

Qual o lugar para a psicanálise nos dias de hoje? Ou colocando a questão de outra forma: em tempos do capitalismo voraz, pode o sujeito subsistir? Essa pergunta perpassa a maioria dos trabalhos. Carlos Guevara apresenta-nos um panorama do efeito da DSM-IV na clínica, dos tratamentos rápidos e seus “estudos” que confirmam bons resultados, mostrando-nos: o efeito seria o sujeito reduzido ao seu único bem de mercado, seu corpo. E questiona o lugar da psicanálise diante disso tudo. A mesma pergunta norteia o trabalho de Leonardo S. Rodriguez, que nos conta de sua preocupação com o excesso de medicação antipsicótica dada às crianças na Austrália. O que não difere do que enfrentamos no Brasil, e talvez em toda parte: cada vez mais diagnósticos de TDAH e medicalização da infância. Continuando: Rodriguez apresenta em seu artigo “O ser-para-o-sexo”, o caso clínico de uma criança que, em seu cerne, assemelha-se muito ao Caso Hans de Freud. Com isso ele responde: o sujeito do desejo permanece. É o viés tomado também pelo trabalho de Raul Pacheco Filho: Com uma leitura de Lacan e de Kojève, lembra que o desejo por um objeto só é ‘humano’ se for mediatizado pelo desejo de um outro ser humano pelo mesmo objeto.

O trabalho de André Magalhães Teixeira versa sobre o toxicômano, sobre sua posição de excluir-se das formações do inconsciente pela via tóxica. Talvez esse trabalho evidencie mais claramente o que ocorre com o apagamento do sujeito desejante: coloca-se como resto a consumir.

Desta vez, a entrevista é com Sonia Alberti. Ela fala de seu

trabalho no Colégio de Representantes da Internacional dos Fóruns, cargo que ocupou por dois anos, do qual está saindo, e faz um balanço do trabalho. Apresenta-nos sua impressão sobre o Campo Lacaniano no Brasil, bem como sobre a inserção da psicanálise na universidade.

Acreditamos haver uma riqueza nessa compilação de artigos, pois vão respondendo às questões sobre o sujeito e o lugar da psicanálise no mundo de hoje. E a resposta se dá pela clínica. A clínica é mostrada por Martine Menès, Elizabeth Rocha Miranda, Mikel Plazaola, Carlos Guevara e Leonardo S. Rodriguez.

O homem inventou o tempo, tal como a linguagem, sustenta Maria Angélica Teixeira. E a estratégia para lidar com o tempo e com o desejo, expresso na linguagem, define as estruturas clínicas. Ficando na neurose, os casos clínicos mostram-nos a histórica à espera de um homem de exceção – dou este exemplo, pois dois trabalhos o teorizam – e o obsessivo na “luta” com a morte, aliás, o medo da morte que a criança-filósofa atendida por Martine Menès decifra. Relendo o caso lembrei-me de Manoel de Barros, poeta das despalavras, do qual tenho a audácia de dizer ‘sou conterrânea’: “morrer é uma coisa indestrutível”¹

Luis Izcovich, falando do tempo no percurso de uma análise, parte de um momento de deciframento do sintoma para a pressa do momento de concluir, que está além da queda do SsS: permite o luto do objeto e faz ato. E, assim como o tempo define as estruturas clínicas, define os tempos do tratamento. É sobre isso que versa o trabalho de Marc Strauss. Ele distingue o tempo do desejo, da interpretação e do ato. No tempo do ato, o sujeito faz um corte, usa a linguagem de outra maneira que não de semblantes. E termina seu texto relacionando o ato com o escrito. Ele permanece, ainda que *pouvellication*, como portador da singularidade de quem o cometeu.

E falando em *pouvellication*, cito novamente Manoel de Barros: “esse vício de amar as coisas jogadas fora – eis a minha competência”²

Andréa Brunetto

¹ Barros, Manoel. *Retrato do artista quando coisa*. RJ/SP: Record, 1998.

² Barros, Manoel. *Gramática expositiva do chão*. RJ: Civilização Brasileira, 2ª. ed., 1992.